

# GEORGICA

---

*A'quella que me ensinou a  
poesia da Felicidade: a mi-  
nha esposa.*

O Pacifico teve uma vinha  
naquelle que tem povos...  
(do *Cant. dos Cant.*)

Chapeu na mão, o olhar absorto, a enxada ao hombro,  
Regressa o Lavrador da azafama... Trindades:  
Silencio tumular... Contrahido de assombro  
Roçam-lhe o Coração, num vôo, as Anciedades.

*E lá consigo e com Deus  
Vae dizendo e vae rezando...  
—Reza, enquanto vae lançando  
Sobre a vinha os olhos seus...—*

Em toda a Terra a que lancei o Sonho  
Ficou morto o meu Sonho e a Terra morta...  
Terra da Pena — em vão o Arado a corta!  
Seu ventre, a fecundar-lh'o, em vão me ponho!

Donde virá o Anathema?... Da Horta?...  
Ou do Grão?... E afinal (não me envergonho  
De o confessar... Se o mal é meu!...) supponho  
Que só por culpa minha tudo aborta!

Toda a Terra que eu lavro é Terra-Negra,  
Cujas entranhas ao Alvião não cedem...  
Nem o ar a anima: nem uma ave a alegra:

Nem as ortigas lá se acclimam:—nada!  
E eu sempre em busca do sonhado Eden...  
—A Terra-Promettida... e desejada!

\*  
\*      \*

A minha vinha está deante de mim...

(do *Cant. dos Cant.*)

Eil-o agora parado á porta da Choupana,  
 As mãos em cruz sobre o alvião... Limpa o suor:  
 E o manso olhar que um veo de lagrimas empana  
 Lança á Vinha em que põe todo o cuidado e amor.

*E lá consigo e com Deus  
 Vae dizendo e vae rezando...  
 — Reza, enquanto vae lançando  
 Sobre a Vinha os olhos seus —*

Oxalá fructifique o meu Suor: e eu tenha  
 A Colheita que sonho!  
 Talvez de Ti me venha  
 A perdida abastança,  
 Oh Derradeira-Esprança  
 Em que eu a esprança derradeira ponho!

Nasci na meia-luz do Alvorecer...  
 Quando os Gallos cantavam, eu nasci...  
 E, mal os olhos abri,  
 Foram teus fructos que eu vi,  
 Terra que eu vi ao nascer!

E ha tanto tempo, ha tanto tempo,  
 A Terra cavo: a Vinha planto:  
 As Vides pôdo: as Vides empo...  
 E eu que moirejo e me amofino tanto,  
 De todas as Delicias  
 Que sonharam meus olhos,  
 Chegado o Outomno, só recolho Abrolhos!...  
 E Fructos? .. nem Primicias!

D'este geito, anno apôs anno,  
 Vão-se-me os Annos passando...  
 E, de engano para engano,  
 Eu sempre enganado ando!

\* \* \*

Eu desci ao Jardim das Nogueiras  
para examinar se a Vinha já lançava flor...

(do *Cant. dos Cant.*)

Sentou-se o Lavrador á sua porta agora...  
Do Ceo escuro tomba a Escuridão na terra...  
Apenas, como o Sol se poz e a Lua afflora,  
D'um lado e d'outro lado alveja o alto da Serra.

*E lá comigo e com Deus  
Vae dizendo e vae rezando...  
— Reza, enquanto vae lançando  
Sobre a Vinha os olhos seus...*

Quando virá Setembro!? ainda tantos mezes!...  
E, d'aqui até lá, eu sempre com cuidado,  
    Eu sempre com receio  
    (Que a mim tantos revezes  
    Trazem-me apavorado...)  
De que venha a Trovoada:  
    E aqui batam em cheio,  
    Vento, Chuva, Granizo...  
E d'este Paraizo  
    Tudo me levem!... não me deixem nada!

Se, ainda mais uma vez, tu me não desses fructo,  
Era de vez então, oh Terra-da-Amargura!  
    Era de vez então!  
    Todo de lucto,  
Fôra enterrar, numa mergulha, o Coração...

Fosse Terra-de-Sepultura  
    A Terra que não rende pão!  
    A Terra-Morta da Amargura...  
    A Terra-Esteril da Illusão!

Se eu fui tão rico!... E não me passa isto da ideia,  
    Como se o fosse ainda!...  
Era o lagar do Vinho! Era o lagar do Azeite!...  
E o Rebanho, bem nedio, a desfazer-se em leite!...  
    E a Tulha sempre cheia!...  
    E linda então!... como era linda

A minha casa !... era um Palacio !... e eu era um Nobre,  
Como os das Casas-Reaes !

Vae senão quando,

—Como da Sorte aos vendavaes  
Não ha nada que não sossobre,

Quando de Deus ella obedece ao mando . . . —

Perco tudo quanto tinha :

De lucto a Ferrugem cobre,  
Uma a uma, as Oliveiras ;  
Dá-me o Cinzeiro na Vinha  
E as cepas me vae matando ;  
E a Morrinha nos Carneiros ;  
E o Gorgulho nos Celleiros ;  
E o Murrão nos Milharaes :

Arde-me a Casa . . . e fico pobre ! . . .

Da riqueza passada apenas conservando  
Uma Choça . . . uma Vinha . . . e nada mais !

Sou tal qual o Pedro-Sem,  
Que de tudo quanto tinha  
Nada lhe ficou tambem . . .  
A mim ficou-me esta Vinha !

\*

\* \* \*

Os teus peitos são similhantes a dois caxos d'uvas  
e a tua garganta é como o melhor vinho.

(Do *Cant. dos Cant.*)

E a cabeça na mão o Lavrador apoia  
E os olhos ergue . . . O Azul d'astros se lentejoula :  
E a Lua, como um Cysne á flor dum Lago, boia . . .  
Ou como, numa rête, um corpo de Creoula.

*E lá consigo e com Deus*  
*Vae dizendo e vae rezando . . .*  
—Reza, enquanto vae lançando  
*Sobre a Vinha os olhos seus . . . —*

Com a graça de Deus hão-de abrolhar os Gomos ;  
Hão-de crescer, numa grinalda, em torno á Vide . . .

Que Deus é Quem decide  
Do que no Mundo vae :

E Deus é Nosso-Pae ;  
 E nós Seus filhos somos !  
 E hão-de amadurar, ao sol, os Cachos-d'uvas,  
 Sem que lhes façam mal os Ventos nem as Chuvas...  
 —Topasios antes ; ao depois coraes ;  
 E negros afinal, negros ! retinctos,  
 Como jacinthos !...  
 Lá dos Pardaes  
 Isso cá estou eu para os guardar,  
 Sempre alerta ! Sempre á espera !  
 Até irem nos cestos p'ra o Lagar...  
 Pudéra !...

Filhos que fossem, nem lhes eu queria  
 Mais do que a elles ! Já estou a vel-os!...  
 Aqui a Malvazia  
 De bagos amarellos ;  
 Roxo o Sousão ; o Alvarilhão escuro ;  
 Negro o Bastardo e doce como o mel...  
 Maduro ! já maduro !...  
 Se me descuido—era uma vez !—eil-o passado...  
 Mas eu cá lhe farei com a rama um docel,  
 Como a Mãe que na cama o Filho deita,  
 De forma que elle esteja agasalhado...  
 Aqui esfolha ; alem os pampanos ageita :  
 Não falte o Sol a este !  
 A'quelle o Sol não creste !  
 Que o Sol a uns é preciso e a outros não...  
 E assim se ha-de vingar toda a Colheita  
 Que esta Terra me der—Terra-da-Promissão !  
 Quem quer que passe, ha-de dizer :—Que bella vinha !...  
 E, ainda ao virar a estrada,  
 Ha-de os olhos virar, parado, irresoluto,  
 Para a minha Ramada,  
 Que é minha e muita minha :  
 Que a plantei eu, a fiz crescer, a fiz dar fructo !

Seja Deus a Tua-Guarda,  
 Terra onde o Sonho floresce !  
 Se a dar fructo o Sonho tarda,  
 A Bênção de Deus o apresse !

\*  
\*      \*

Eu te darei a beber um vinho  
de confeição aromatica...

(Do *Cant. dos Cant.*)

Adormeceu o Lavrador... Anda-lhe um Halo  
De purpura a florir no labio uma Quimera !  
No Ceo, qual uma flor pendida sobre o talo,  
Inclina a Lua a face pallida, de cera...

*E lá consigo e com Deus  
Vae dizendo e vae rezando...  
—Reza, enquanto vae lançando  
Sobre a Vinha os olhos seus...—*

Hei-de rogar para a Vindima as Moças todas  
Do Meu Logar :  
P'ra todas virem aqui dansar  
Ao som das Violas e dos Pandeiros,  
Até cahirem doudas, redoudas,  
Ao fim da Dansa,  
Cada uma d'ellas nos braços do Par !  
E eu hei-de pagar aos Gaiteiros  
Que hão-de fartar-se de tocar,  
Nas minhas Bôdas,  
Quando eu me fôr casar  
Co'a minha Vinha--a minha Noiva ! a minha Esperança !  
E, como a paga é a brio,  
Eu hei-de-lhes dizer :  
—Amigos meus, fazeide  
Andar tudo num corropio  
A mais não ser !—  
Isso hei-de ! oh, se hei-de !...

E, quando á noite fôr ao Lagar,  
Depois da Vindima feita,  
Ver as Uvas da colheita  
Todas num monte d'Estrellas,  
Hão-de-me as Uvas fallar...  
E hão-de-me as Uvas dizer : Comei-me !  
E hão-de-me as Uvas dizer : Bebei-me !

E eu morto de fome, e eu morto de sede,  
 E eu morto de cançado,  
 Hei-de comel-as...  
 Hei-de bebel-as...  
 Hei-de comel-as e bebel-as hei-de  
 Com todo o gosto,  
 Até cahir, embriagado  
 De vinho môsto,  
 Num sonmo bom, um sonmo largo, um sonmo socegado !

Quem me cá dera o São-Martinho !  
 Quem m'o cá dera ! ...  
 Para eu tirar a prova ao Vinho  
 Do Sonho com que sonho a toda a hora  
 Até morrer !  
 Unico ideal de quem espera  
 Já agora,  
 Vêl-o real—para viver !  
 Que um sonho—ainda o mais bello !—  
 Se se faz velho, é milagre  
 Poder a gente bebel-o...  
 De Vinho faz-se Vinagre.

\*

\* \* \*

Jardim fechado és, irmã minha Esposa,  
 jardim fechado...

(do *Cant dos Cant.*)

Dorme ainda o Lavrador a sonmo solto... Sonha,  
 Sempre a florir-lhe o labio a Rosa-da-Alegria !  
 A Lua morre : o Ceo desmaia : e alem, risonha,  
 Bimbalha a Estrella-d'Alva a annunciar o Dia.

*E lá consigo e com Deus  
 Vae dizendo e vae rezando...  
 —Reza enquanto vae lançando  
 Sobre a Vinha os olhos seus...*

Chegou a Era-da-Paz :— na minha Casa  
 Mora a Alegria !... A Dor ficou lá fóra !  
 D'ella e do Mal nem já me lembro agora !  
 Que eu fiz de toda a Vida taboa-rasa...

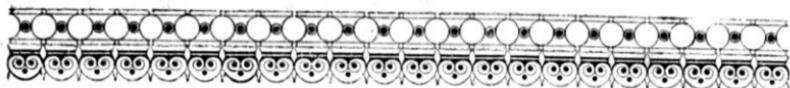
Parece que me tem Nossa-Senhora  
 Debaixo da sua Mão, da sua Aza !...  
 Que a gente faz-se bom, quando se casa...  
 Ou nos faz bom A que comnosco mora !

Trouxe a Abundancia, a Flicidade trouxe,  
 No seu Regaço, a suspirada, a doce  
 Terra-Sancta, onde a Vinha cresce em flôr !

—Terra sem fragas ! Terra sem abrolhos,  
 Que eu vejo, de continuo, ante os meus olhos  
 A dar-me o Fructo do meu Sonho :—o Amor.

CARLOS DE LEMOS.





# GEORGICA

VERSIONE ITALIANA

---

*A collei che m'insegnò la  
poesia della felicità alla mia  
sposa.*

L'AUTORE

## I

Salomone avea una vigna in  
Baalhamon; egli la diede a de'  
guardiani. — *Cant. dei Can-  
tici*, VIII, II.

Su l'omero la zappa ed in mano il capello,  
dai solchi, assorto il guardo, riede il lavorator...  
l'ora è de l'ave, intorno è silenzio di avello,  
sgomentasi e gli sfiorano l'ansie, volando, il cor.

*Lá con Dio e con sè stesso  
va una prece bisbigliando...  
prega e volge a quando a quando  
al vigneto l'occhio oppresso...*

Su la terra ove un sogno io feci arcano  
perir la terra e il sogno e lor vicende...  
terra triste che invan l'aratro fende!  
Che, a fecondarne il sen, lavoro invano!  
L'anàtema onde vien? dal suol malsano?...  
Ovver dal seme?... se da me dipende  
lo confesso e vergogna non mi offende  
se colpa è mia ch'ogni suo sforzo è vano!...

Questa terra ch'io solco è terra negra  
che a la vanga le visceri non cede...  
nè avviva spiro nè uccello rallegra.

L'ortica stessa a intristirvi é serbata,  
eppur l'Eden ognora il cor vi chiede...  
l'alma terra promessa... e desiata!

## II

La mia vigna, che è mia, è  
davanti a me. — *Cantico dei  
cantici*, VIII, 12.

Eccolo, su la soglia ritto de la capanna,  
terserti, man conserte su la vanga, il sudor:  
l'umil guardo che un velo fosco di pianto appanna  
fiso è a la vigna, tenera sua cura e dolce amor.

*Lá con Dio e con sé stesso  
va una prece bisbigliando...  
prega e volge a quando a quando  
al vigneto l'occhio oppresso...*

Voglia il ciel benedire il sudor mio,  
e il sognato raccolto!  
Che da te m'abbia anch'io  
quanto più non mi avanza  
l'estrema mia speranza,  
in cui la mia speranza estrema ho vôlto!

Io nacqui al lume incerto antelucano  
cantando i galli, io venni a questi lidi...  
mal per me gli occhi fidi  
schiusi e i tuoi frutti io vidi,  
terra, ch'io vidi invano!

Son tante età scorse e perite,  
scavo il suolo, la vigna pianto:  
poto, impalo, cresco la vite...  
io che mi affanno e mi addoloro tanto,  
e dei piaceri tutti  
che ho pregustati, alfine  
al rieder de l'autunno ho colto spine!...  
Nè un segno sol... dei frutti!

Così l'anno dopo l'anno,  
passa e gli anni volgon presto...  
e d'inganno in altro inganno  
ingannato sempre io resto !

### III

Io sono discesa al giardino delle  
noci, per vedere se le viti met-  
tevano le lor gemme.—*Cantico  
dei cantici*, VI, 11.

Siede il lavoratore or presso a la sua porta...  
dal ciel fosco sul mondo cade l'oscurità...  
e appena il sol tramonta e la luna è già sorta,  
d'ambo i lati a la cima del monte alba si fa.

*Lá con Dia e con sè stesso  
va una prece bisbigliando...  
prega e volge a quando a quando  
al vigneto l'occhio oppresso.*

Quando verrà il settembre?! oh quanti mesi ancora!  
E da l'oggi a quel giorno io sempre un sol pensiero,  
ho con timor presente  
(m'han tanti ad ora ad ora  
guaj reso il cor si nero)  
che il nembo urli e tempesti...  
e con fragor crescente,  
grandin, pioggia, bufera...  
e nulla in tal maniera  
del paradiso mio nulla più resti!

Se ancor tu non largissi a me più frutto...  
fu ben di rado, o terra del dolore!  
Ben di rado, ahimé, dimane  
seppellire nel lutto,  
vorrei dentro una fossa il cuore inane!...  
Sepolcral terra di orrore  
fosse il suol che non diè pane!  
Terra morta del dolore  
d'illusorie larve strane!  
Se tanto ricco io fui nè il ricordo vien meno,

qual se lo fossi ancora!  
 Pel torchio fu del vino, fu per quel de l'aceto,  
 e fu pel pingue gregge di sfarsi in latte lieto!...  
 pel granajo ognor pieno.  
 Bella, oh bella in quell'ora...  
 la mia casa... un palazzo... ed un nobile er'io...  
 qual re chiuso in ermellino...  
 Ecco a un tratto, oh caso infando,  
 come al soffio del destino  
 tutto strugge e inghiotte oblio,  
 se al divin cenno il capo va piegando...  
 perdo quanto ho posseduto:  
 ruggin qui di lutto rio,  
 tutti copre i verdi ulivi;  
 de la *bianca* il morbo acuto  
 or va i ceppi disseccando;  
 il *cimurro* ange l'ariete;  
 la *calandra* i grani miete;  
 or la mosca i fichi infesta,  
 arde alfine il tetto mio!...  
 povero son, del ben solo serbando  
 una vigna, un tugurio, altro non resta.

A Prezzemolin son pari  
 cui di beni il ciel dotó,  
 che perdè terra e danari...  
 questa vigna a me restò.

## IV

Le sue mammelle saranno ora  
 come grappoli di vite... e il  
 suo palato sarà come il buon  
 vino ..—*Cantico dei cantici*,  
 VII, 8-9.

Il capo nella palma poggia il lavoratore  
 e gli occhi leva... ingemmano gli astri l'azzurro e sola  
 s'alza qual cigno in lago la luna in suo fulgore  
 e quasi in una rete un corpo di creola.

*Lá con Dio e con sé stesso  
 va una prece bisbigliando...  
 prega e volge a quando a quando  
 al vigneto l'occhio oppresso.*

La Dio mercè le gemme germoglieran per noi  
ed a la vite intorno faranno una ghirlanda...

perché Dio sol comanda  
quanto accade nel mondo :  
Ei padre almo e profondo,  
e noi siam figli suoi !

Daran grappoli biondi i soli ardenti  
senza che gli molestin pioggie o venti ...  
—pria topazii, indi coralli  
e finalmente di un bel fosco pinto  
pari a fulgidi giacinti;  
dai passeri sui calli  
vegliando li proteggo e mosche alpine,  
desto sempre ed all'erta, occhi indefessi,  
finché tutti verrano al torchio alfine,  
oh se potessi ! ...

Certo, amarli il mio cor piú non sapria  
se fosser figli miei — mi son presenti :

Qui sta la malvasia  
dai chicchi europallenti.

*l'acitan* russo, il *portoghes* oscuro,  
nero il *bastardo* e pari al miel piú fino  
maturo, oh ben maturo !  
se il negligo... era un tempo... —é trapassato  
ma se gli fo di fronde un baldacchino  
qual madre al figlio un letto fresco ed ermo  
perché fermo vi resti e riparato;  
or la sfoglia or le fa di fronde schermo...  
piú calor quella vuole...  
questa non arda il sole...

Offende, utile all'un, la luce istessa  
l'altro — e così maturerà, per fermo,  
ciò che la terra dá — terra promessa.

Dica ciascun che passi :—oh bella vigna, oh quanto,  
e al voltar de la via  
si arresti e gli occhi giri, dubbio e perplesso tutto,  
verso la messe mia  
ch'é tutta mia soltanto,  
la piantai, la crebb'io, per me dié frutto ! ...

Dio ti sia custode attento,  
terra dove il sogno é in flore;  
se a dar frutto il sogno é lento,  
Dio l'affretti col suo amore...

## V

Ed io ti darei a bere del  
vino aromatico. *Cantico dei  
Cant.* VIII, 2

Dorme il lavoratore—Un nimbo imporporato  
gli florisce sul labbro—una dolce chimera;  
dal ciel, simile a un flore su lo stelo obliato,  
piega la luna il volto pallido come cera.

*Lá con Dio e con sé stesso  
ra una precce bisbigliando...  
prega e volge a quando a quando  
al vigneto l'occhio oppresso*

Tutte per la vendemmia pregherò le donzelle  
del villaggio modesto :  
perché tutte qui danzin con pié lesto  
di cembali al tintinno e di viole  
finché folli di ebbrezza alfin le belle  
al termin de la danza,  
caschino in braccio a quel compagno e a questo ;  
e sarò largo al suonator che suole  
suonar finché si stanchi e non si presto,  
nelle nozze novelle  
ove a impalmar mi appresto  
la mia vigna, mia sposa e mia speranza—  
e, qual segno di onore,  
—amici miei, dirò,  
deh, fate, amiei, uscire  
tutti in moto, e in clamore  
andar piú che si può. —  
oh se ciò dir dovrò ... se dovrò dire!...

La notte al villaggio tornar  
e da la vendemmia già sciolto  
mirar l'uve del raccolto,  
quasi un monte d'astri o perle ;  
mi dovrán l'uve parlar...  
diranno — bevime ! — bianche ed oscure,  
diranno — mangiami -- l'uve mature.

Mosso io da fame, da sete allora  
morto fiaccato,  
dovrò goderle,  
mangiarle e berle  
dovrò mangiarle, beverle ancora  
ansioso e tosto  
finchè caschi per terra inebriato  
di vino mosto,  
in dolce sonno, in sonno profundo, imperturbato.

Chi mi dèsse il San Martino  
chi mi dèsse...  
perch'io saggi il primo vino,  
il bel sogno ond'io sogno a ciascun'ora  
ond'è l'alma spedita...  
solo ideal di chi sperò la messe  
fin da quest'ora...  
vòlto in real vedrò — ma per la Vita ! ...

Diran — Sogno — ma è destino,  
quando invecchio, che la gente  
più non beva — dal buon vino  
vien l'aceto finalmente.

## VI

O sposa, sorolla mia, tu sei  
um orto serrato, *Cantico dei  
Canticci*, IV, 12.

Dorme il lavoratore ancor sonno profondo,  
sogna fiorirgli il labbro la rosa del piacer !  
la luna muore, il cielo è pallido, e giocondo  
tremola l'astro eterno, del giorno messaggier.

*Là con Dio e con sé stesso  
va una prece bisbigliando...  
prega e volge a quando a quando  
al vigneto l'occhio oppresso.*

Giunse l'ora di pace, e nel mio tetto  
sta l'allegrezza — bandito é il dolore  
e più del mal non si sovvenne il cuore,  
lunge da me la vita mia rigetto.

La Santa Vergin par che in suo fulgore  
l'ala a me schiuda, di sua man protetto...  
divien l'uom che si ammoglia in casto affetto...  
rende buoni chi altrui largo è di amore.

Gioja apporta, richezza inesperata,  
nel dolce grembo suo la sospirata  
terra santa ove i pampini dan fiore.

O terra senza rocce e senza spine  
che di mirar non stancan gli occhi, alfine  
dammi il gran frutto del mio sogno — amore.

14 novembre 1898.

TOMMAZO CANNIZZARO

